

LEITURA E REESCRITA DE DOIS POETAS MINEIROS: POR UMA PRÁTICA DECOLONIAL NA SALA DE AULA

READING AND REWRITING OF TWO POETS FROM MINAS GERAIS: FOR A DECOLONIAL PRACTICE IN THE CLASSROOM

Isaac Ronald Félix de Paula¹

Rita Cristina Lima Lages²

Resumo: O presente artigo visa problematizar algumas questões referentes à prática de leitura e escrita poética que tomam como mote a prática da mineração no Estado de Minas Gerais. Parte-se da experiência de adolescentes com o texto poético e da prática de leitura das poesias dos autores Adélia Prado (1986) e Carlos Drummond de Andrade (1984a, 1984b), exercida por alunos do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública. O trabalho busca conhecer as práticas de recepção da leitura, bem como a reescrita de textos poéticos em sala de aula, levando em consideração a experiência dos alunos como sujeitos pertencentes a área de mineração, sujeita a riscos constantes de uma tragédia ambiental e social.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Adélia Prado; Poesia; Mineração; Leitura; Reescrita.

Abstract: This article aims to problematize some issues related to the practice of reading and writing poetry that take mining practices in the state of Minas Gerais as their theme. It is based on the experience of adolescents with poetic texts and on the practice of reading the poems of authors Adélia

1 Mestrando do Programa de Pos-Graduação em Letras (POSLETRAS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professor da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais.

2 Professora do Programa de Pos-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professora associada do Departamento de Letras (DELET) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).



Prado (1986) and Carlos Drummond de Andrade (1984a, 1984b), carried out by students of the final years of elementary school in a public school. The study seeks to understand reading reception practices as well as the rewriting of poetic texts in the classroom, taking into account the students' experiences as individuals belonging to the mining area, which is constantly subjected to environmental and social disaster risks.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade; Adélia Prado; Poetry; Mining; Reading; Rewriting.

INTRODUÇÃO

A poesia é materialmente a capacidade de sublimar os desejos inconscientes. Visto que a literatura não precisa ser impositiva e ditada pelo professor e pode abrir e conferir tantos sentidos e significados, este estudo parte das seguintes indagações: “Quais são as práticas pedagógicas que podem aproximar os jovens do ensino da poesia, de seu real sentido e, de que forma pode-se fortalecer o ensino do gênero na rede pública, utilizando-o como promotor da mudança no ensino “eficaz” da literatura.

“Vou contar para minha mãe.” Esta foi a frase dita por uma aluna do Ensino Fundamental II da rede pública, quando, depois de uma aula com leitura de poesia, percebeu a realidade que a cercava. A poesia em sua múltipla possibilidade interpretativa abarca, grandiosamente, a ruptura de barreiras e o descortinar para novas múltiplas interpretações. A “literatura é novidade que permanece novidade” (Poud, 2006, p. 34). Perceber na poesia a possibilidade de entender o que, para muitos é normal, com o olhar mais acurado e poético provoca-nos a uma aproximação cada vez maior com o gênero poético e com a prática de escrita de textos poéticos.

Para entendermos melhor, façamos uma breve contextualização. A região do quadrilátero³

3 Quadrilátero Ferífero é uma região localizada no centro-sul do estado de Minas Gerais, que é a maior produtora nacional de minério de ferro. 60% de toda a produção nacional sai da região, que tem uma área de aproximadamente 7 mil quilômetros quadrados e abrange os municípios de Caeté,

ferrífero no Estado de Minas Gerais vem há anos sendo explorada por diversas mineradoras que, de certa forma, condicionam e imprimem algumas questões sociais, políticas e até psicológicas nos habitantes dessa região. Toda essa prática exploratória exercida há anos naturalizou, na vida de muitos indivíduos, aspectos positivos e negativos que a mineração comporta. Provocando, em muitos de nós, um estado de apatia, um silêncio e um sentimento de conformidade.

Os “frutos benéficos” advindos da mineração são facilmente identificáveis por qualquer jovem ou adulto: o trabalho oferecido nas minas e nas empresas terceirizadas; a estabilidade financeira e profissional; o alto valor arrecadado pelas prefeituras em impostos, que acaba por converter-se em alguns respingos de investimento na cultura e na educação; a movimentação de recursos financeiros nos territórios, entre outros. Em contrapartida, os efeitos catastróficos e problemáticos são ignorados ou tratados como consequências inevitáveis.

Nos últimos anos, em decorrência dos rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho, os olhares se voltaram, em foco, para essas questões que tiveram repercussões nacional e internacional; e os ouvidos têm ficado também mais atentos aos ruídos e sirenes de alerta, que denunciam quaisquer impactos. A surpresa aqui é deparar-se com essa discussão em textos poéticos de décadas atrás. É perceber que essa dor já causava incômodo a muita gente e há muito tempo. “Quantas toneladas exportamos de ferro? Quantas lágrimas disfarçamos sem berro?”, denunciou o poeta Carlos Drummond de Andrade (1984a) no poema “Lira Itabirana” – poema que foi publicado pela primeira vez no jornal O Cometa Itabirano, nº 58, dezembro de 1984.

Neste artigo, estudaremos as poesias de Carlos Drummond de Andrade (1984a; 1984b) e Adélia Prado (1986). Autores mineiros, ambos poetas consagrados e que, de alguma forma, expuseram em versos as suas relações com a mineração. Buscaremos elucidar como a vida circundada por trens,

Itabira, Itaúna, João Monlevade, Mariana, Ouro Preto, Rio Piracicaba, Sabará e Santa Bárbara, entre outros. Além do minério de ferro, também são extraídos do Quadrilátero Ferrífero, ouro e manganês. Foi um importante polo aurífero na época do ciclo do ouro. O povoamento teve início com a mineração no século XVII. Com a sua decadência, no fim do século XVIII, a região ficou estagnada. No fim do século XIX, com a fundação de Belo Horizonte, houve um novo surto de povoamento. (UFOP, 2025).

caminhões, minas, explosões, pó e minério afeta a relação do indivíduo com o mundo, com os outros e com a realidade. Desse modo aproximaremos esses textos poéticos da realidade vivenciada por alunos mineiros.

A portadora da frase que abre este texto é uma adolescente de quatorze anos, e o seu rompante de espanto ao afinal da aula se deu por perceber, através das poesias, como a ferida da mineração está presente em sua vida e como a poesia mineira é atual, aguda e, de certa forma, imprescindível para entendermos melhor a realidade dos mineiros no século XXI. “Ferida que está aberta hoje: a degradação do ambiente e da vida nas áreas afetadas pela mineração cega às suas próprias consequências.” (Wisnik, 2018, p.19).

Desde a chegada dos portugueses a essa região do Brasil, a mineração é tida como fonte de renda e principal fonte de trabalho para muitos indivíduos. Seja com o ouro em Ouro Preto, Mariana, ou o diamante em Diamantina, o minério de ferro em Congonhas, Itabira, Itabirito e até o Nióbio em Araxá, mais recentemente. O caminho percorrido pelos mineiros sempre tem essa pedra, a mineração, mudando as paisagens, provocando crescimento populacional desordenado, causando desastres ambientais e mudando as pessoas, principalmente mudando as pessoas.

Tanto nos seus aspectos textuais como nos contextuais, na poesia, na crônica ou no debate jornalístico, a obra de Carlos Drummond de Andrade tocou pioneiramente numa ferida que está aberta hoje: a degradação do ambiente e da vida nas áreas afetadas pela mineração cega às suas próprias consequências. Esses sinais gritam na catástrofe de Mariana, gemem abafados em tantos lugares do território de Minas Gerais, alguns deles sujeitos a uma nova tragédia comparável, entranham-se como pó corrosivo nas estátuas de Aleijadinho em Congonhas do Campo, escondem-se por trás da serra do Curral, postada hoje como um cenário de biombos minerais no horizonte de Belo Horizonte (Wisnik, 2018, p. 19).

O desafio é aproximar os leitores, os alunos e os mineiros a essa realidade, mas com o olhar de quem observa para além do que é dado enquanto matéria explícita. Ou seja, é olhar para a mineração e se enxergar como mineiro, ou como o próprio Minério, e nesse aspecto acreditamos que

a poesia pode ser esse canal para o descortinar dos olhos, que provoca esse ímpeto pela denúncia “Vou contar para minha mãe”.

Minha experiência em sala de aula permite dizer que, à primeira vista, o texto poético é confuso e parece não ter nada a dizer aos alunos. Mas, é valorizando o potencial criador de sentidos desses indivíduos que conseguimos a mais límpida interpretação. A interpretação apegada ao solo. A capacidade de se enxergar no texto e mais do que apenas entender as múltiplas possibilidades semânticas, se sentir representado pelo poema; ou, pelo menos, endereçado por ele. Provocando não apenas o despertar da subjetividade, mas também a imersão e gozo genuíno. Partindo desses pressupostos, dialogamos com Barbosa (2020), que afirma:

Sabemos que a literatura comporta incontáveis fins e exerce funções importantes no âmbito individual e coletivo. Como ferramenta poderosa de transformação, ela permite que possamos expandir nossa visão de mundo, despertar emoções, estimular a sensibilidade, ter contato com outros lugares, culturas, tempos, perspectivas e, sobretudo, pode evitar a ameaça de esquecimento que ronda todas as experiências não registradas. Como ferramenta de representação e recurso de retenção das experiências vividas, a literatura permite que possamos registrar processos e mediar relações entre sujeitos e sociedade, contribuindo tanto com as narrativas históricas quanto com sociedades futuras através de seu legado. (Barbosa, 2020, p. 49).

Sendo assim, podemos dizer que a leitura poética apegada ao solo, pensada em toda a sua complexidade social, pode contribuir para reinterpretações e criações individuais e em grupo.

Diante dos inúmeros desafios que a educação enfrenta, a falta de interesse pela leitura pode ser o maior de todos. Persuadir um aluno, que teve pouco ou nenhum contato com a leitura, para a se inteirar de a importância de ler uma obra literária ou poética, e de como isso pode contribuir para a sua formação educacional e social, é realmente desafiador.

Entretanto, conforme afirmado por Freire (1967, p.104), “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Assim, faz parte do processo educacional mostrar ao aluno que

existem diversas possibilidades de trabalhar um mesmo conteúdo, valorizando os conhecimentos adquiridos pelo estudante dentro e fora da sala de aula.

Para entendermos como essa prática pode se efetivar é indispensável que o mediador das práticas de leitura de textos poéticos tome como referência os estudos decoloniais, pois é a partir dessa abordagem crítica que entenderá como o fazer poético em sala de aula pode levar os alunos a pensarem as estruturas sociais circundantes a partir de uma análise mais profunda, tomando como referência sua própria cultura, vivência e realidade sócio-histórica.

Nessa perspectiva, o fazer poético em sala de aula se propõe como prática decolonial, pois rompe com a continuidade do processo de colonialismo da sociedade contemporânea. E segundo Maldonado (2019), o conceito de decolonialidade desempenha um importante papel intelectual e artístico na sociedade. A abordagem pressupõe a valorização das raízes, a tomada de consciência do lugar que o indivíduo e a comunidade ocupam no mundo, segundo seus próprios olhos e sua capacidade interpretativa. Apartando o olhar viciado e colonizador que temos de nós mesmos sobre o que somos e fazemos com o mundo ao redor de nós. Para Miranda (2022), a colonialidade impõe formas hegemônicas de agir, viver e pensar, que perpassam a produção intelectual, caracterizada pela violência epistêmica. Assim, ainda que a colonialidade do saber seja majoritária, não consegue silenciar a pluralidade epistêmica emergida na periferia.”

Assim, a prática de uma leitura poética livre e interpretativa com viés decolonial, favorece e promove a valorização das múltiplas histórias individuais e culturas. Corrobora para o conhecimento emancipatório dos povos colonizados, proporcionando um ambiente educacional rico em representatividade e inclusão. Exercendo, como proposta, uma luta contra as injustiças e desigualdades oriundas de uma herança colonial, buscando reparação e autorreconhecimento.

A decolonialização é um processo dinâmico e multifacetado que busca restaurar a dignidade, a identidade e a voz das culturas marginalizadas, e é acreditando nisso que propomos a leitura do poema “O maior trem do mundo”, do poeta Mineiro Carlos Drummond de Andrade, publicado no jornal O Cometa Itabirano em 1984b em um primeiro momento com os alunos.

Nesse texto, o poeta enseja uma visão decolonial, tendo em vista o posicionamento antagônico e subversivo do autor frente à problemática da mineração e do pensamento hegemônico no Estado de Minas. Uma vez que, segundo Romero (2020, p. 133), o texto mostra o rompimento com o molde clássico, assumindo um teor crítico à “uma formulação épica do processo histórico enquanto tradição repressora, cujo ideal de progresso não se sustenta frente às contradições do real captadas pela sensibilidade lírica.”

O maior trem do mundo
leva minha terra
para a Alemanha
leva minha terra
para o Canadá
leva minha terra
para o Japão.

O maior trem do mundo
puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
engatadas geminadas desembestadas
leva meu tempo, minha infância, minha vida
triturada em 163 vagões de minério e destruição.
O maior trem do mundo
transporta a coisa mínima do mundo,
meu coração itabirano.

Lá vai o trem maior do mundo
vai serpenteando, vai sumindo
e um dia, eu sei, não voltará
pois nem terra nem coração existem mais.

(Drummond, O Cometa Itabirano, n. 69, 1984b)

O poema não se prende aos ditames do tempo e se faz atual, particularmente, para os leitores mineiros, pois, “a potência da poesia como instrumento de percepção alargada e de criação de mundos, de vislumbres antecipatórios que vão muito além da reportagem factual” (Wisnik, 2018, p. 20). Assim, podemos dizer que a poesia se inscreve no campo do real com tom de denúncia. E aqui

começa-se o desafio em relacionar a poesia Drummondiana com a realidade oculta, embora visível, da mineração no Estado de Minas.

O poeta apresenta-nos o maior trem do mundo que leva britada a montanha, o pico do Cauê em bilhões de lascas (Wisnik, 2018). Esse mesmo trem maior do Mundo encontra correlação com a experiência de vida de muitos mineiros que têm no seu dia a dia a vida atravessada por essa máquina de ferro. Apitando, produzindo ruído, espalhando o fino pó cinza. Esse trem que para muitos faz parte da paisagem mineira e que inspira músicas não abarca o caráter profundo e desolador que encontramos na poesia de Drummond. Os versos seguintes demonstram a motivação primeira, o objetivo e a razão de ser do trem de ferro.

[...]
leva minha terra
para a Alemanha
leva minha terra
para o Canadá
leva minha terra
para o Japão[...]

(Drummond, 1984b)

O trem mais que leva a terra, ele a espalha. Ele coloca-a em um não-lugar em que não há certezas, não há paradeiro. Mostra-nos que Drummond não está preso ao mesmo modo de entender e valorar as coisas. Conforme Wisnik (2018), Itabira para Drummond é um lugar cósmico. Seu olhar não se coaduna com o olhar extrativista que enxerga na terra mineira a possibilidade de fazer riqueza financeira. O pronome possessivo repetido nos versos acima nos mostra a estreita relação telúrica que o autor estabelece com lugar e como sua obra é, de certa maneira, marcada pela influência e experiências particulares do autor e que acabam por fazer escapar, por entre os dedos do poeta, a terra outrora vivida como sua (Frochtengarten, 2005).

O trem elucidado na poesia que serpenteia e vai sumindo, como algo contínuo que não cessa de acontecer, para Drummond, não transporta apenas o minério, mas o seu coração. Demonstrando

mais uma vez a forte ligação do poeta com as suas origens. Segundo Ricardo Gonçalves (2019), o poema denuncia o nosso lugar periférico. Mostra como o minério de ferro que é transportado nesse “trem maior do mundo”, para os países ricos, promove a desigualdade entre as periferias extrativistas e os grandes centros de consumo.

Os alunos quando percebem a tragicidade da condição imposta pela mineração, rapidamente, associam as questões sociais vivenciadas por eles com o texto de Drummond. Os questionamentos pululam e parecem brincar com a capacidade de criação do mundo que se descortina. Eles inferem, problematizam, ressignificam e principalmente se enxergam no lugar do poeta.

“Toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo” (Freud, 1908/2015, p. 56). Essa capacidade, que é própria das crianças e que permite ao poeta fantasiar, ritmam-se com a tomada de consciência e produzem mais que tomada de consciência, mas também a apropriação do gênero. Provoca a emergência de uma subjetividade, que na maioria das vezes, ansiava por expor-se. E a percepção da condição crítica os impele à denúncia.

Em um segundo momento, aos alunos leram um segundo texto, o poema de Adélia Prado (1986), “Explicação de poesia sem ninguém pedir”. Nesse, as vozes poéticas formam um coro que ratifica os sentimentos que foram vivificados com a recitação dos poemas. Os alunos parecem perceber que há quem os represente, quem olhe para as questões sociais a partir de um mesmo ponto de vista experienciado por eles.

Um trem de ferro é uma coisa mecânica,
Mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,
Atravessou minha vida,
Virou só sentimento.
(Prado, 1986, p.48)

A autora ressalta, assim como Drummond, como é ter a experiência de ter a vida atravessada pelo trem de ferro. Em seguida, à leitura, foi proposta uma prática de reescrita. Aos alunos, foi dada a inteira liberdade de produção, sem preocupações estéticas. Contudo, intuitivamente eles associaram

não apenas suas experiências de vida com a poesia de Drummond, mas também com a poesia de Adélia Prado. Nesse momento, os alunos inferem que a poetiza coparticipa com eles da mesma realidade perpassada pela experiência de conviver com a mineração em Minas Gerais desde a infância.

“Coisa mecânica”, a expressão colocada por Adélia mostra que a máquina se insere no campo do material, na ótica material das coisas. Assoando-se apenas aos fins lucrativos e mercadológicos. Em seguida, Adélia Prado nos diz que o trem de ferro atravessou a noite, a madrugada, o dia, a vida, remetendo à continuidade da ação no tempo. Imparável.

“Será que deveríamos procurar já na infância os primeiros traços de atividade poética?” (Freud, 1908/2015, p. 56). A capacidade de olhar para essas situações narradas nos poemas e de recriar, a partir disso, um texto novo, motivam os alunos a produzirem a reescrita contextualizada com as condições nas quais eles se inserem, com as suas questões e com o modo de ver o mundo. Considerando o questionamento de Freud, acreditamos que essa prática de curadoria atenta à realidade social e histórica, conjuntamente com a prática de reescrita livre, e pode ser uma excelente maneira de aproximar os jovens do gênero poético.

Segundo Abreu (2006), a leitura constante de obras da Literatura e a incorporação da experiência vivida no contato com o texto às suas próprias experiências pessoais, é a melhor forma de escapar às armadilhas da alienação e à padronização do mundo contemporâneo. Azevedo, Chagas, Bazzo (2018) complementam que, especificamente sobre o gênero poético, a compreensão da urgente imersão em processos de formação literária por meio do texto poético desde a mais tenra idade, sem dúvida, haverá de impulsionar ainda mais a vivência da poesia em contextos educativos cuja finalidade seja o aprendizado das múltiplas dimensões humanas.

Este estudo se faz oportuno ao estabelecer uma discussão acerca do modo como a educação literária se dá na rede pública de ensino, em especial, através do gênero poético e colocando em foco o letramento do indivíduo, a fim de refletir sobre o poder transformador que o ensino de Literatura pode desempenhar na formação e na vida dos alunos. Isso, considerando que “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto

social e cultural.” (Soares, 2009, p. 49).

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. Unesp, 2006.

AZEVEDO, Fernando José Fraga de; CHAGAS, Lilane Maria de Moura; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. Pensar a poesia em sala de aula: reflexões didáticas para fruir o texto poético. *Leitura: Teoria e Prática*, v. 36, n. 74, p. 15- 30, 2018.

BARBOSA, Mariana de Matos Moreira. O periférico é um centro: a contribuição da poesia negra para a perspectiva decolonial. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2020.

BEIGUI, Alex. O Plágio inventivo: reescritura, reencenação, remontagem, reteatralização e reformatização. *Moringa*, v. 10, n. 1, p. 111-127, 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Lira Itabirana. Lira itabirana. *O Cometa Itabirano*, nº 58, dezembro de 1984a.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O maior trem do mundo. *O Cometa Itabirano*, nº 69, dezembro de 1984b.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1967.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2015. (Trabalho original publicado em 1908).

FROCHTENGARTEN, Fernando. Memória e colonização em Carlos Drummond de Andrade. *Psicologia & sociedade*, v. 16, p. 97-101, 2004.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. A METÁFORA COMBATENTE: Interpretação literogeográfica da mineração no poema “O Maior trem do mundo”, de Drummond. *Revista da ANPEGE*, v. 16, n. 31, p. 272-286, 2020.

MIRANDA, Geane Uliana. Desutilidade poética:decolonialidade à luz da poesia inventiva de Manoel de Barros. Revista Espaço Acadêmico, nº 235, 2022.

POUND, Ezra. ABC da literatura. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

PRADO, Adélia. Explicação de poesia sem ninguém pedir. Bagagem. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ROMERO, Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. “A economia no meio do caminho: mineração e endividamento no Drummond da década perdida”. Literatura: teoria, história, crítica, vol. 22, n. 2, 2020, p. 127-151.

SOARES, Magda. Letramento-um tema em três gêneros. Autêntica, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Quadrilátero Ferrífero. Centro de Estudos Avançados do Quadrilátero Ferrífero. Disponível em: <https://qfe2050.ufop.br/news/novidades>. Acesso em: 18 set. 2025.

WISNIK, José Miguel. Maquinação do mundo: Drummond e a mineração. Editora Companhia das Letras, 2018.